

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO E CONFLITOS CONJUGAIS: ESTUDO DE
CASO NO CONTEXTO DE CLÍNICA-ESCOLA

Leonardo Vernier Finamor

Porto Alegre, janeiro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO E CONFLITOS CONJUGAIS: ESTUDO DE CASO
NO CONTEXTO DE CLÍNICA-ESCOLA

Leonardo Vernier Finamor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia do Instituto de
Psicologia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Adriana Wagner.

Coorientadora: Marina Zanella Delatorre.

Porto Alegre, janeiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Ao longo de toda a minha trajetória acadêmica na UFRGS enquanto graduando de psicologia, recebi apoio e suporte das mais variadas formas de diversas pessoas, como familiares, amigos, professores e colegas. A todos esses, deixo meu profundo agradecimento, pois não seria quem sou hoje se não tivesse vivenciado todas as experiências que vivi com estas pessoas. De outra forma, não seria possível agradecer a tantas pessoas que fizeram a diferença nesse período tão marcante da minha vida. Há alguns nomes, entretanto, que merecem destaque aqui, portanto agradeço profundamente:

Aos meus pais, Antonio Genaro e Denise, que estiveram presentes comigo durante toda a minha trajetória, me apoiando incondicionalmente, e que me passaram valores de extrema valia, como coragem, perseverança, força e amor, sem os quais eu não teria concluído esse percurso;

À minha namorada Nina, por toda a calma, paciência, suporte emocional e confiança inabalável que teve durante a confecção deste trabalho, além de todos os momentos felizes e mágicos que me permitiu vivenciar;

Aos meus amigos e colegas de faculdade, Fernando, Kaena e Juliana, que compartilharam intensamente dessa caminhada ao meu lado desde o seu início em 2014, e estiveram sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, tanto acadêmicos quanto pessoais;

Aos amigos do grupo de *Magic*, que permitiram descontração e alegria essenciais para a superação deste último ano;

À minha cadelinha Yumi, que esteve junto comigo durante todas as noites de trabalho árduo, ajudando-me a manter meu ânimo e bem-estar durante a escrita;

Por fim, à minha orientadora Adriana e à coorientadora Marina, pela disponibilidade, interesse, compreensão e confiança que tiveram em mim para a confecção deste trabalho.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um aspecto complexo e inerente aos relacionamentos interpessoais, especialmente no que se refere ao contexto conjugal. Gottman, na década de 70, observou que, na comunicação entre cônjuges, em comparação à comunicação entre amigos, costuma haver mais interrupções e rudeza, assim como é mais comum que os parceiros digam palavras que ferem emocionalmente o outro (GOTTMAN ET AL., 1976). Dessa forma, a comunicação é tida como um dos principais enfoques no que se refere a intervenções com casais, sendo historicamente um dos aspectos mais estudados da clínica do casal desde a década de 1970. Nos anos 1980, os estudos se aprofundaram ainda mais nessa temática, através da perspectiva comportamental. Já nos anos 1990 e no início dos anos 2000, o enfoque se manteve por via das perspectivas sistêmica e cognitivo-comportamental (COSTA, DELATORRE, MOSSMANN & WAGNER, 2017).

A Teoria da Comunicação, que foi desenvolvida por Bateson ao longo das décadas de 1940 e 1950, é demarcada principalmente por três aspectos: a semântica, a sintaxe e a pragmática. A semântica é entendida como o “conteúdo” da mensagem, a comunicação explícita da mesma. Já a sintaxe faz parte do conceito de “forma” da mensagem, sendo relativa ao meio de transmissão desta. A pragmática, por último, é um terceiro conceito que complementa a ideia de forma, dizendo respeito aos aspectos comportamentais da comunicação, como o tom de voz e os gestos (BOLZE, BUENO, CREPALDI & GOMES, 2014).

A Teoria da Pragmática da Comunicação Humana, na qual Watzlawick trabalhou em conjunto com Bateson em 1973, foi desenvolvida a partir de três premissas. A primeira é a de que é impossível não comunicar, sendo que qualquer reação é também uma forma de comunicar algo. A segunda é a complexidade não-linear dos comportamentos, ou seja, a ideia de que todo comportamento é causa ao mesmo tempo em que é efeito de outro. A terceira é a suposição de que toda comunicação tem aspectos relativos ao conteúdo e à relação. Além disso, essa teoria reconhece a existência das noções de comunicação digital e analógica, também conhecidas como comunicação verbal e não-verbal, e das noções excludentes de simetria ou

complementaridade das trocas comunicacionais (BOLZE, BUENO, CREPALDI & GOMES, 2014).

Em 1977, surge o trabalho de oficinas em grupo proposto por Rose, que entendia a comunicação como o processo através do qual cada um interpreta os estímulos gerados pelo outro, ou seja, o resultado da interpretação criativa dos estímulos. Assim, o autor pressupõe que a compreensão no processo comunicativo é necessariamente influenciada pela história e contexto de uma dupla comunicacional. Tendo isso em vista, seriam necessárias três habilidades para uma comunicação efetiva: a consciência da intencionalidade (reconhecer os efeitos desejados através da comunicação), a abertura para *feedback* (receptividade para alteração da interpretação, visando à redução de desentendimentos), e a qualidade positiva ou negativa da comunicação (facilitação dos processos anteriormente descritos, visando a uma maior qualificação da troca comunicacional) (SILVA & VANDENBERGHE, 2008).

Nos anos 1980, há um crescimento dos estudos relativos à área de comunicação conjugal e conflitos, principalmente por parte de Jacobson, desde uma abordagem comportamental. Nesse período, o enfoque dos estudos estava voltado para a avaliação da eficácia da psicoterapia com casais, através do uso de medidas pré e pós-tratamento, embasadas em parâmetros rigorosos, como aplicação de questionários (COSTA, DELATORRE, MOSSMANN & WAGNER, 2017). Desses estudos se desenvolveria, posteriormente, a Terapia Comportamental Integrativa de Casais, criada por Jacobson e Christensen em 1995, em que intervenções que geram aceitação emocional são adicionadas à terapia comportamental de casal orientada à mudança (SILVA & VANDENBERGHE, 2008).

A partir dos anos 1990 até a atualidade, a abordagem cognitivo-comportamental ganhou o posto de destaque no que se refere ao estudo da comunicação. Há também um aumento das tendências no uso associado de diferentes abordagens, como ocorre em estudos que utilizam a abordagem sistêmica e a Terapia Focada na Emoção (EFT), no intuito de verificar o grau de efetividade das mesmas em diferentes contextos de psicoterapia (COSTA, DELATORRE, MOSSMANN & WAGNER, 2017).

Outras variáveis relacionadas à comunicação são imprescindíveis para uma melhor compreensão do funcionamento da dinâmica de uma dupla conjugal, como as concepções de padrões geracionais e estratégias de resolução de conflito. Os padrões

geracionais referem-se a comportamentos, crenças, dinâmicas de relacionamento, papéis e até mesmo transtornos mentais que se apresentam e se perpetuam em um sistema familiar de forma repetida e padronizada ao longo das gerações. A transmissão e manutenção de alguns desses padrões não se dá necessariamente de forma linear, ou seja, é possível que alguns funcionamentos se repitam de forma transgeracional. Por exemplo, um pai alcoolista pode ter um filho saudável, porém seus netos podem apresentar o distúrbio, o que pode ser configurado como padrão geracional (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012). Os padrões geracionais costumam se apresentar no casamento de forma muito intensa, atravessando toda a história do casal por meio de influências que repercutem desde a escolha do cônjuge até a consolidação da dupla enquanto família. Segundo Féres-Carneiro (2005), costuma ser através dos padrões geracionais que se constituem as principais necessidades buscadas pelos parceiros um no outro. Alguns exemplos dessas necessidades são aprovação, sexo, preenchimento de um sentimento de vazio, busca por apoio emocional e até mesmo auxílio na tentativa de rompimento com a família de origem.

Os padrões geracionais podem atuar tanto em direção à satisfação conjugal quanto no sentido de prejudicar o relacionamento a dois, levando não raramente ao divórcio nessas ocasiões (COELHO & QUISSINI, 2014). Esses padrões são modelos através dos quais os membros do casal costumam se relacionar e normalmente se estabelecem em cenários de atrito, sendo contraproducentes para a saúde e a qualidade conjugal. Muitas vezes cabe ao terapeuta de casal ser capaz de identificar os padrões disfuncionais e reforçar formas de relacionamento mais saudáveis, desenvolvendo esses padrões em conjunto com a dupla quando ainda não fazem parte do repertório da mesma (SILVA & VANDENBERGHE, 2008). Um exemplo de padrão geracional que pode ser identificado em um relacionamento é a violência na dinâmica conjugal, independentemente de se apresentar como violência psicológica ou física. Esse tipo de padrão pode ser transmitido pelas famílias de origem, por meio de punições violentas na infância (através de gritos ou surras, por exemplo), ou da observação da escalada negativa na dinâmica interacional de seus pais.

A escalada negativa é caracterizada pela troca de comportamentos agressivos, como xingamentos e ofensas, os quais aumentam gradativamente, tornando-se assim cada vez mais difíceis de serem interrompidos. Outros exemplos de padrões de interação são a “negatividade recíproca” e a “demanda e recuo”. A negatividade

recíproca ocorre quando comportamentos negativos de um dos cônjuges são respondidos pelo outro com atitudes também negativas, como responder ao companheiro sempre tentando contrariá-lo ou tentar rebaixá-lo em uma discussão. Nesses casos, é comum que os membros do casal tenham impressões desagradáveis a respeito do parceiro e do relacionamento. Já o padrão de demanda e recuo é caracterizado pela tentativa frustrada de um dos membros de discutir algum assunto ou resolver um determinado problema com o cônjuge que, em resposta a isso, se afasta ou ignora esses comportamentos. Diante dessa situação, o membro demandante costuma buscar essa atenção de formas diferentes, como bom humor, carinho ou até hostilidade, o que geralmente causa ainda mais comportamentos evitativos do membro recuante. O resultado disso é que a pessoa que buscava discutir a situação se sente desvalorizada ou incompreendida pelo companheiro, o que diminui a confiança e intimidade conjugal (FALCKE, MOSSMANN & WAGNER, 2015).

Esses padrões costumam se estabelecer quando estratégias de resolução de conflito destrutivas são utilizadas de forma majoritária pela dupla em questão. Falcke, Mossmann & Wagner (2015, p. 57) trabalham com um modelo que contempla quatro estratégias de resolução de conflito, sendo elas “resolução positiva”, “envolvimento no conflito”, “afastamento” e “submissão”. Essas estratégias podem ser classificadas como destrutivas (dado que há táticas de agressão verbal, violência física, hostilidade não verbal ou “silêncio punitivo” nessas situações), com exceção da “resolução positiva”. Esta última pode ser considerada construtiva devido ao fato de ocorrer progresso no desenvolvimento de uma solução relativa à questão problemática, assim como respeito mútuo e percepções positivas a respeito de conflitos não resolvidos anteriores (BÖING, BOLZE, CREPALDI & SCHMIDT, 2017).

A resolução positiva ocorre através da negociação, quando os cônjuges visam a uma forma de resolver o conflito com enfoque na solução do problema e, para isso, dialogam de forma igualitária e colaborativa, visando a um desfecho em que ambos saiam satisfeitos com a situação. Para isso, é necessário que o casal possua elevado grau de habilidades de comunicação entre si e que cada membro esteja disposto a ceder em alguns pontos individuais em prol do bem-estar conjugal (FALCKE, MOSSMANN, & WAGNER, 2015).

Quanto às estratégias destrutivas, o envolvimento no conflito é caracterizado pela troca de ataques feitos pelos membros da dupla, de maneira que os mesmos passem a agir de forma agressiva e impulsiva, e frequentemente passam a resolução do problema para segundo plano. Já o afastamento ocorre quando pelo menos um dos membros da dupla se recusa a discutir uma determinada questão e passa a adotar comportamentos evitativos, como permanecer em silêncio na companhia do cônjuge ou excluir o companheiro de suas atividades. Isto leva ao afastamento psicológico e até mesmo físico do casal, o que causa redução da intimidade, acúmulo de ressentimentos (os quais costumam desencadear conflitos posteriores) e, conseqüentemente, não resolução do problema. Por fim, a submissão é uma estratégia que resulta da desistência de um dos membros da díade em batalhar por seus interesses e necessidades, de forma que este passa a aceitar passivamente as imposições do cônjuge. A submissão possui resultados semelhantes ao afastamento do conflito no que se refere à saúde conjugal, resultando em redução da intimidade e mágoas. O uso da submissão a longo prazo pode desencadear situações de violência conjugal, pois desenvolve no casal uma hierarquia desequilibrada de poder (FALCKE, MOSSMANN, & WAGNER, 2015).

Tendo em vista os aspectos implicados na comunicação conjugal apresentados acima, percebe-se que o estudo da comunicação no âmbito conjugal é de suma importância, devido ao grau de relevância que a mesma tem na qualidade da vida a dois. A partir desses pressupostos, este estudo foi desenvolvido no intuito de compreender e analisar de forma aprofundada como essa variável pode atuar no âmbito conjugal, tendo como objeto de estudo um casal com queixas e demandas relativas a problemas comunicacionais.

MÉTODO

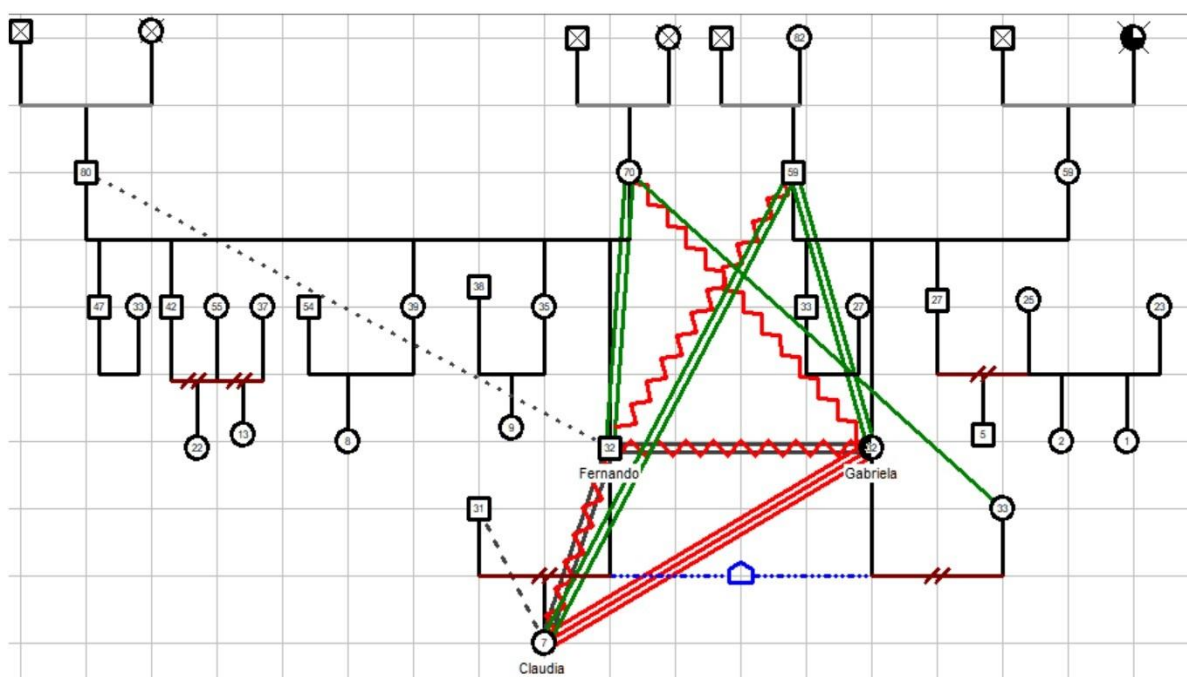
Neste trabalho, foi utilizado o Método do Estudo de Caso Único, com o intuito de desenvolver uma proposta de estudo qualitativo na área da psicologia clínica. A metodologia de estudo de caso foi escolhida porque possibilita uma análise profunda e uma compreensão mais precisa acerca dos fenômenos relativos ao caso em questão através do processo descritivo (STAKE, 2000). Foi apresentado, lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a realização desta pesquisa pelos

cônjuges. Os nomes utilizados na descrição do caso são fictícios, a fim de preservar o anonimato dos sujeitos estudados.

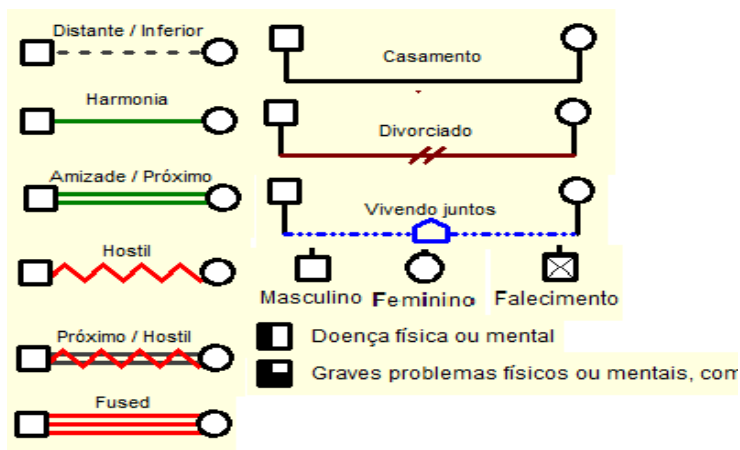
RESULTADOS

1 - Apresentação do caso

O caso objeto do estudo é um casal heterossexual em união estável formado há dois anos, composto por Fernando, um homem branco *cis* de classe média de trinta e dois anos de idade, e Gabriela, uma mulher negra *cis* de classe média e também com trinta e dois anos de idade. No que se refere à religiosidade, Gabriela é afro umbandista praticante, enquanto que Fernando se referia como espírita, mas ao longo do tratamento referiu que se tornou ateu. Os cônjuges trabalham juntos na área de ciências contábeis, sendo essa a forma através da qual se conheceram. Ambos já foram casados anteriormente, tendo o casamento de Fernando durado dois anos e meio, enquanto que o de Gabriela durou em torno de três anos. Gabriela teve uma filha de 7 anos de idade fruto desse relacionamento, chamada Claudia, a qual vivia com o casal no período da realização da pesquisa.



Genograma Relacional Familiar



Legenda do Genograma

2 - Famílias de origem

Fernando é o caçula de um total de cinco irmãos, com uma diferença de 15 anos de idade do irmão mais velho. Fernando afirma que sua família funcionava em um modelo no qual seu pai era quem trabalhava e era responsável pela renda da casa, enquanto que sua mãe cuidava das crianças e dos afazeres domésticos. Relata que sempre foi muito mais próximo de sua mãe, dizendo que era o “*protegido da mãe*”, referindo que esse contraste ocorria porque o pai era muito “*ríspido*” e “*duro*” e lhe causava medo. Os avós de Fernando já são falecidos, todos de morte natural.

Ele declara também que sua família era muito conflituosa, utilizando como exemplo uma situação em que o irmão mais velho teria agredido um dos mais novos com uma pedra enquanto brincavam no pátio de casa em que moravam e tiveram um desentendimento. Durante o episódio, Fernando se escondeu para observar o conflito de dentro de casa, com medo do que poderia acontecer. Os conflitos também faziam parte do cotidiano dos seus pais: ele afirma que seu pai, o qual era muito calado, brigava e gritava com a sua mãe em momentos de explosão. A mãe, que não reagia no momento e acatava aos pedidos do pai, entretanto, realizava saídas às escondidas, tanto sozinha quanto com as crianças, pedindo que as mesmas fizessem segredo disso. O segredo era necessário pois, segundo Fernando, seu pai pedia para que sua mãe ficasse em casa com as crianças e que evitasse sair enquanto estava fora.

No caso de Gabriela, ela diz que sua família é muito “*tradicional*”, afirmando que seu pai era o único responsável pelo sustento e decisões familiares, atuando como “*a última voz*”. Relata, entretanto, que sua mãe não se sentia confortável com essa situação e se posicionava como “*feminista*”, o que Gabriela utiliza para justificar alguns bordões da mesma, como “*nenhum homem presta*” e “*homens não ajudam em nada*”. Ela refere que percebe ter sido muito influenciada por essa visão de mundo que a mãe possui, afirmando que essas frases lhe vêm à mente durante seus conflitos com Fernando. Os dois avôs de Gabriela já faleceram de morte natural. A avó materna era alcoolista e cometeu suicídio por motivos de depressão aos 68 anos. A avó paterna ainda vivia no momento da pesquisa, com 82 anos de idade.

Gabriela declara que sempre foi mais próxima do pai do que da mãe, justificando que o pai a “*mimava*” e a “*protegia*” muito, devido ao fato de ser a única filha mulher do casal. Ela é a filha do meio de um total de três irmãos, sendo um ano mais nova que o mais velho e cinco anos mais velha que o mais novo. Devido à constante e intensa convivência com homens, relata possuir maior facilidade para se relacionar com o sexo oposto do que com as mulheres. Isso é perceptível quando fala de seu relacionamento com a família de Fernando, reconhecendo que possui conflitos com as mulheres da família ao mesmo tempo em que possui relações amigáveis com os irmãos e até mesmo com o pai de seu companheiro. Fernando também apresenta essa característica, afirmando que se sente mais confortável na presença de mulheres, ao mesmo tempo em que alega ter uma relação muito conflituosa com o sogro, o qual se “*intromete*” no relacionamento dos dois e tenta “*rebaixá-lo*” na frente de Gabriela.

No que se refere a recasamentos e divórcios, há situações em ambas as famílias: o segundo irmão mais velho de Fernando, de 42 anos de idade, já se divorciou em duas ocasiões (havendo filhos em ambos os casamentos) e está atualmente solteiro. O irmão mais novo de Gabriela também é separado, com um filho resultante dessa primeira união. Este mesmo irmão atualmente se encontra casado, com dois filhos gerados no novo relacionamento.

3 - Padrões Transgeracionais

No que se refere aos padrões geracionais, é possível perceber um atravessamento poderoso das estruturas das famílias de origem na construção da dinâmica conjugal. Primeiramente, nota-se que há conflitos triangulares envolvendo os dois membros do casal e o sogro equivalente do mesmo sexo, de forma que os membros da díade se percebem em uma situação de conflito de lealdade. A triangulação ocorre quando dois membros do sistema se relacionam e se aliam contra um terceiro, de forma que o funcionamento de cada um se torna dependente dos outros dois e também os influencia. Triângulos relacionais geralmente se desenvolvem no intuito de reduzir a tensão gerada pela proximidade da ligação da díade inicial, como no caso em que pais inicialmente próximos passam a apresentar conflitos não solucionados e, no intuito de restaurar a homeostase do sistema, envolvem os filhos na relação conjugal, através de alianças e trocas de ganhos secundários (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012).

Percebe-se um padrão geracional devido ao fato de que a mesma relação triangular ocorria entre Fernando e Gabriela com seus pais na infância. Além disso, também ocorre triangulação no relacionamento de Gabriela, Fernando e Claudia, a qual se posiciona rigidamente como aliada da mãe, inserindo-se nos conflitos conjugais da dupla. Nesse último caso, a mãe justifica que isso ocorre porque, após seu divórcio, as duas passaram a ser muito próximas, de forma que ela acredita que Claudia veja Fernando como um concorrente à atenção disponibilizada por ela. Essa situação de triangulação provoca uma alteração importante na hierarquia familiar, pois Claudia passa a se inserir na mesma posição de poder que Fernando, rivalizando com ele e passando a interferir no subsistema conjugal. Como consequência disso, a intimidade e a comunicação do casal são prejudicadas, dificultando o uso de estratégias de resolução de problemas construtivas.

Outro dado importante relativo aos padrões geracionais refere-se à existência e manutenção de histórico de agressividade nos relacionamentos conjugais de ambas as famílias, o que parece se perpetuar na dinâmica relacional de Fernando e Gabriela através do uso frequente das estratégias de resolução destrutivas, principalmente o envolvimento no conflito alternado com submissão. A hostilidade como padrão geracional também se apresenta através da presença de transtornos de humor na família de Gabriela, como o transtorno depressivo que resultou em suicídio cometido pela sua

avó materna, e pelo transtorno de humor bipolar e ideação suicida apresentados pela última. Essa associação é feita tendo como base diversas pesquisas da atualidade que já demonstraram que o humor depressivo costuma estar associado a elevados índices de agressividade no âmbito familiar (SILVA ET AL., 2007; ASSIS, AVANCI, OLIVEIRA & PIRES, 2009; BHONA, BRUM & LOURENÇO, 2011).

4 - Padrões de comunicação e interação do casal

As estratégias de resolução de conflito mais utilizadas pelo casal são a submissão e o envolvimento no conflito. Uma situação que apresenta a ocorrência da primeira estratégia foi o conflito “amigos X família”. O casal relatou que, num determinado dia, Fernando tinha um churrasco marcado com amigos, e Gabriela o confrontou a respeito disso, afirmando que ele vinha “*saindo muito*” e “*deveria se dedicar mais à família*”. Fernando então reclamou, dizendo que “*era importante*” e que aquele compromisso já estava marcado há algum tempo. Gabriela diz que manteve sua posição, afirmando “*mas pra mim é ainda mais importante ter a família reunida em casa, todo mundo junto... Senão não dá nem pra gente se chamar de família*”. Fernando, frente a esse argumento, afirma que aceitou a vontade de sua mulher e cancelou a saída com seus amigos, afirmando que não queria magoar Gabriela. Essa estratégia se caracteriza enquanto submissão pois Fernando desistiu de defender suas ideias e se colocou em posição de aceitar o desejo do outro, independentemente do que isso lhe custasse.

Gabriela então relata que, no dia seguinte, pediu, por telefone, para o cônjuge cuidar de sua filha para ir a um evento religioso, o qual duraria algumas horas da noite. Ela diz então que Fernando imediatamente começou a gritar com ela, enquanto dizia o seguinte: “*não, eu não vou fazer isso, isso é muito injusto! Se eu não posso sair com os meus amigos tu também não pode!*”. Gabriela afirma que se sentiu “*incompreendida*” frente a isso, tendo respondido “*Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra! Isso é uma atividade que eu preciso fazer, não é brincadeira. Eu preciso que tu cuide dela (Claudia), faz isso pra mim?*”.

Nesse momento, Fernando se remexe na cadeira, e relata que, no auge de seu sentimento de “*injustiça*”, disse: “*Jura que eu vou cuidar da merda da tua filha pra ti ir*

lá se divertir, não não não! Se eu não posso, tu também não pode!". Gabriela, relatando sentir-se “*totalmente desamparada*” e “*indignada*” frente a esse comentário, reagiu de forma ainda mais explosiva, ofendendo o companheiro, chamando-lhe de “*criança filho da puta*”, e diz que desligou o telefone na cara do cônjuge. Percebe-se nessa situação que a reação demasiado intensa de Fernando certamente deve-se à mágoa internalizada da discussão anterior, o que é outra característica da estratégia de submissão.

Fernando então conta que no segundo dia após esse conflito tentou se desculpar com Gabriela enquanto estavam assistindo à televisão na sala, afirmando que estava muito nervoso naquela hora. Diz, no entanto, que a companheira se recusava a falar com ele, dizendo-lhe “*deixa pra lá, agora já foi, tanto faz.*”. Frente a isso, Fernando diz que ainda insistiu, dizendo “*o que eu fiz não foi certo, vamos conversar sobre isso.*”. Gabriela se defende, dizendo que estava ficando irritada naquela hora, e diz que reagiu falando novamente: “*eu já disse: tá tudo bem, deixa pra lá...*”. Fernando então implorou para que sua parceira falasse com ele, a qual relatou que reagiu a isso se levantando: “*Mas que saco, Fernando! Eu já disse: deixa isso pra lá, não me interessa mais isso aí!*”, e saiu do cômodo.

Essa situação também ilustra o padrão interacional de demanda e recuo adotado pelo casal após o conflito. Fernando adota a postura de demandante, buscando a atenção da companheira de forma mais carinhosa e cuidadosa do que de costume, enquanto que Gabriela reage a isso recuando das tentativas de conversação do cônjuge. Essa evitação de Gabriela amplifica gradativamente o comportamento de Fernando, que tenta obter a atenção de sua parceira a qualquer custo, o que acaba por afastar Gabriela definitivamente, quando a mesma deixa o companheiro falando sozinho.

Já um exemplo do uso da estratégia de envolvimento no conflito pode ser observado em uma situação em que Gabriela chegou em casa mais tarde do que de costume. Uma informação muito importante para o entendimento desse confronto é o de que o casal tinha uma rotina muito “calculada”, na qual cada atividade tinha um horário definido para que se pudesse manter o funcionamento da casa. De costume, por exemplo, cabia a Gabriela chegar em casa, limpar a casa dos cachorros, preparar a janta e, após comer, tomar banho enquanto Fernando lavava os pratos. Já Fernando deveria buscar Claudia na casa dos avós (local para onde a menina ia após a escola, tendo-se em

vista que Fernando, que chegava primeiro em casa, chegava apenas por volta das 19 horas), cuidar da mesma até a chegada de Gabriela, tomar banho e lavar os pratos, para que o casal pudesse ir dormir no horário mais adequado.

Houve uma ocasião na qual, durante três dias seguidos, Fernando não realizou suas tarefas, o que coincidiu com a chegada atrasada de Gabriela em casa no terceiro dia. Ela relata então que, ao perceber que o companheiro não havia buscado sua filha e ainda não havia tomado banho quando chegou, questionou-lhe “*mas por que tu não fez nada até agora?!?*”, dizendo que Fernando respondeu que havia se esquecido, devido ao fato de que aquele dia o trabalho ter sido muito “corrido” e cansativo. Ela afirma que isso lhe causou muita raiva e a fez gritar: “*Meu deus do céu, não é possível, tu já é um cara crescido Fernando! Parece até que eu tenho duas crianças em casa, que tenho que ficar te cuidando e te mandando pra fazer as coisas senão tu não faz nada! Nem a Claudia dá tanto trabalho assim!*”. Fernando, afirmando que se sentiu atacado, dessa vez, não se submeteu à posição da companheira, confrontando-a: “*Mas pra que tanto drama Gabriela?! Pra quê tudo isso, tu também se atrapalha às vezes, para de ser tão mesquinha.*”.

Gabriela diz que então contra-atacou, dizendo “*Daonde que tu tirou isso Fernando?! Me diz uma, uma vez que eu tenha deixado de fazer as minhas tarefas!*”. Fernando relata então que contou sobre uma situação, na qual Gabriela teve de ir na casa da sua mãe ajudá-la, e quando chegou em casa foi tomar banho e dormir, deixando as outras tarefas com ele. Gabriela afirma que se defendeu, dizendo “*Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra! E pelo menos eu ajudo a minha mãe, diferente de ti né!*”. Fernando, dando continuidade, afirma que, por sua vez, se defendeu, dizendo que não fazia isso, e o casal relata que assim o conflito se estendeu por mais algum tempo. Essa situação se caracteriza enquanto envolvimento no conflito pois se percebe que o casal perdeu o foco da resolução do problema, que seria o que fazer com relação às tarefas daquela noite e discutir sobre os papéis de cada membro na manutenção do funcionamento da casa, voltando sua atenção para uma troca de ataques numa espécie de competição, na qual quem ferir mais os sentimentos do outro seria o “vencedor”. Essa situação também pode ser utilizada para demonstrar o padrão interacional de escalada negativa: nesse caso, uma reclamação pontual de Gabriela sobre o comportamento de Fernando evoluiu para uma discussão moral e competitiva acerca das

maneiras de se portar de cada membro com suas respectivas famílias de origem, dificultando assim a resolução do problema original.

5 - *Queixa*

A principal queixa do casal refere-se às suas “*falhas de comunicação*”, afirmando que isso lhes causa conflitos muito frequentes e intensos. Exemplificam isso por sua “*dificuldade de concordância*” e resolução de problemas em suas discussões. Gabriela ilustra claramente esse sentimento com uma frase dita no primeiro atendimento: “*a gente não se entende, nunca!*”.

Fernando se queixa do ciúme de Gabriela, o qual, a seu ver, é “*totalmente desproporcional*”. Ela, por sua vez, justifica seus sentimentos com base numa traição ocorrida no início do relacionamento, de Fernando com a ex-mulher. Nesse aspecto, já há discordâncias na comunicação do casal, pois o cônjuge afirma não ver esse ocorrido enquanto traição, afirmando que ele e Gabriela ainda não estavam “*comprometidos*” no momento em questão. Por fim, Gabriela também relata muitos conflitos entre ela e os pais de Fernando, afirmando que a sogra gosta mais da ex-mulher dele, citando como exemplo o fato de que a mãe de Fernando costuma sair com certa frequência com a antiga companheira dele enquanto que não costuma realizar atividades em conjunto com ela.

Com relação ao motivo de busca, o casal afirma que decidiu iniciar um tratamento após duas semanas de um rompimento. Isso ocorreu quando Fernando, após um intenso conflito, decidiu sair de casa e voltou a morar com seus pais, fato que fez o casal chegar à conclusão de que seria necessário que se realizasse terapia para que pudessem habitar a mesma moradia novamente. Esse rompimento durou aproximadamente um mês, de forma que, quando o casal chegou à clínica para a triagem, ainda estavam separados.

6- *O tratamento*

O tratamento teve duração de treze meses e foi composto por vinte e cinco sessões quinzenais, que tinham duração aproximada de 50 minutos. As primeiras cinco

sessões foram utilizadas para levantamento de informações e avaliação do caso, através do uso de entrevistas semi-estruturadas com questões voltadas, por exemplo, para investigação das vivências de cada membro em suas famílias de origem e como o casal se conheceu. Com base na queixa voltada para as falhas de comunicação, o foco terapêutico estabelecido em conjunto com a dupla foi a melhoria da comunicação conjugal, sendo utilizados os treinamentos da comunicação não violenta (CNV) e da estratégia de resolução positiva para esse fim.

O treinamento da comunicação não violenta, ideia desenvolvida por Marshall Rosenberg ao longo dos anos 1960 e 1970, ocorreu paralelamente à prática da resolução positiva, dado que a comunicação não violenta possui ideias similares e complementares à mesma. O enfoque da comunicação não violenta é a expressão de sentimentos e necessidades pessoais de forma não agressiva, evitando-se o uso de medo, coerção, vergonha, acusações e ameaças. A comunicação não violenta visa a que os objetivos, desejos e anseios individuais possam ser satisfeitos sem que haja conflitos destrutivos para que se alcancem esses objetivos. Para isso, há alguns comportamentos a serem adotados para que a comunicação ocorra de forma saudável e eficaz, como a exposição dos próprios sentimentos, com fala centrada no “eu” e sem o uso de julgamentos sobre o interlocutor, e a evitação do uso de termos imperativos (como “tu deverias” ou “tu sempre faz isso”), usando-se sempre tom de voz audível e expressões amistosas (ROSENBERG, 2006).

Um exemplo de treino da comunicação não violenta remete à sexta sessão, quando Gabriela relatou uma situação de conflito que envolvia a mãe de Fernando. No final de semana anterior ao atendimento, o casal fora almoçar na casa dos pais de Fernando. Após o almoço, Fernando decidiu dormir um pouco na sala. Era um dia frio, e Gabriela foi cobrir o companheiro com um cobertor, o qual recusou o gesto. Gabriela insistiu, mas o cônjuge rejeitou a ação novamente. Gabriela então aceitou a situação, e foi para a cozinha. Alguns minutos mais tarde, a mãe de Fernando passou pelo cômodo, e fez o mesmo gesto de Gabriela de cobri-lo. Fernando, entretanto, dessa vez aceitou imediatamente o gesto, agradecendo à sua mãe, que lhe sorriu e deixou a sala. Gabriela presenciou o ocorrido de onde estava, e afirma que sentiu muita raiva do companheiro no momento, mas decidiu não fazer nada a respeito naquela hora.

Após chegarem em casa, Fernando quis assistir televisão com Gabriela, a qual afirma que recusou o convite, respondendo ironicamente *“tô bem assim, não precisa. Por que não chama a tua mãe pra assistir?”*. Ela diz que Fernando não entendeu do que estava falando, e ela lhe contou sobre o que tinha visto. Frente a isso, relata que Fernando disse *“mas que frescura, só por isso?”*, dizendo que isso lhe fez sentir decepcionada e responder: *“queridinho da mamãe; tu sempre faz tudo que ela quer e não tá nem aí pra mim!”*. Fernando então se manifesta e fala que se sentiu atacado com aquela situação, e que teria reagido dizendo *“ah, e até parece que com o teu pai também não é assim né?! Quando chego lá ele nunca me cumprimenta e tu só ignora isso e abraça ele, toda feliz.”*. Gabriela então diz que respondeu que aquilo não tinha nada a ver com ela, afirmando que também não recebia apoio do companheiro quando estavam com a família dele. Dessa forma a discussão seguiu sua expansão e se perdeu o foco da questão principal do conflito.

Após relatarem esse ocorrido, o terapeuta realizou psicoeducação a respeito das regras da comunicação não violenta, e pediu para que Gabriela tentasse descrever o que sentira ao ver Fernando aceitar o cobertor da mãe, com base nesses pressupostos. Gabriela pensou por alguns instantes e respondeu: *“eu me senti muito braba, muito triste, um zero à esquerda. Fiquei decepcionada, de verdade, me senti inferior à mãe dele.”*. Nisso, percebeu-se que Fernando olhou para cima e começou a resmungar *“Mas Gabriela...”*. Imediatamente o terapeuta lhe interrompeu, pedindo para que esperasse a companheira terminar de falar sem que fossem feitos julgamentos. Fernando bufou, mas concordou sobre esperar a sua vez de falar. Gabriela prosseguiu seu relato: *“continuando, fiquei muito decepcionada e me senti inferior à mãe dele, sendo que nós duas já não nos entendemos muito bem. Parecia que o que eu fazia não era importante, que eu não era boa o suficiente para cuidar dele.”*. Foi-lhe perguntado em seguida então: *“e o que tu desejavas do Fernando, como tu gostaria que ele tivesse agido?”*. Gabriela olhou para o companheiro com expressão de tristeza, e disse *“queria que ele tivesse aceitado o cobertor: eu só queria cuidar dele, fazer um carinho sabe...”*.

Percebeu-se nesse momento que Fernando mudou sua expressão facial após o relato da companheira, parecendo mais surpreso e condolente do que irritado. Usando isso, o terapeuta lhe devolveu a palavra, pedindo que fizesse o mesmo que Gabriela. Fernando pareceu um tanto atordoado durante alguns segundos, e respondeu: *“Bom, primeiro eu tava me sentindo muito brabo, tipo, fiquei pensando ‘mas que frescura isso,*

que desnecessário, é só um cobertor' sabe... E eu realmente não queria me tapar, eu tava bem daquele jeito, mas quando a mãe ofereceu foi difícil dizer que não. Agora ouvindo a Gabriela tô me sentindo meio mal, tipo, tô imaginando como seria se tivesse sido o contrário, se eu quisesse fazer algo por ela, cuidar dela e ela não deixasse. Aliás já aconteceu mais de uma vez, e eu lembro que foi muito chato, que fiquei me sentindo rejeitado.”.

Nesse momento, o terapeuta intervém para expor para o casal que suas posições não eram, na verdade, tão opostas quanto talvez eles pensassem inicialmente, com base na observação de que ambos pareciam se importar muito um com o outro, e que isso poderia ser acompanhado de um excesso de cuidado. Além disso, também foi assinalado que a recusa poderia ser interpretada enquanto um indicativo de saúde conjugal: *“Vocês têm mais dificuldade de dizer não para os pais de vocês do que entre si, e isso pode estar associado à maturidade de vocês enquanto casal: mostra que vocês se respeitam entre si, ao mesmo tempo em que têm intimidade pra fazer esses gestos de carinho e cuidado. O que vocês acham de tudo isso, faz sentido pra vocês?”*. A dupla ficou pensativa durante algum tempo, e enquanto se entreolhavam Gabriela tomou a iniciativa: *“Sabe... Eu nunca tinha pensado nisso por esse lado. Pra mim essa ideia ainda é muito estranha, de que alguém rejeitaria meu cuidado porque na verdade se sente à vontade comigo o suficiente pra dizer ‘não’, mas até que faz sentido.... Não sei, ainda vou precisar de algum tempo pra digerir isso (risos)”*. Fernando, após mais algum tempo de silêncio, prosseguiu: *“Eu nunca tinha parado pra pensar nisso, sei lá, é algo tão natural que não parece nada de mais... Mas eu gostei dessa ideia, bacana...”*.

Percebe-se através desse relato que o casal começou a ressignificar um evento negativo de sua trajetória a partir da exposição não violenta e controlada de suas emoções e pensamentos um para o outro, a ideia base da comunicação não violenta. Além disso, também se percebe que foi possível identificar os problemas envolvidos no cerne da questão (dificuldades de comunicação com os pais e sentimento de rejeição) e que, a partir disso, a dupla pôde dialogar e começar a pensar a respeito do assunto em busca de soluções para isso, assim como compreender melhor como o funcionamento do casal se relacionava com a situação-problema.

Já o treinamento da estratégia de resolução positiva consiste, inicialmente, na psicoeducação do casal a respeito das diferentes estratégias de resolução de conflito

existentes na literatura científica. Após, é apresentado para a dupla um exemplo de como uma situação seria resolvida com o uso da resolução positiva, em comparação com o uso de outras estratégias. Pede-se então ao casal que conte uma situação de conflito ocorrida recentemente e que pratiquem como seria a resolução dessa questão com o uso da resolução positiva. Esse processo geralmente é retomado ao longo de diversas sessões, para que o casal de fato incorpore esse recurso no seu repertório de estratégias de resolução de conflitos.

Esse procedimento iniciou na oitava sessão, com a psicoeducação sobre as estratégias. Primeiramente, foi explicado ao casal que os conflitos não são necessariamente ruins, e que o mais importante é a maneira como o casal lida com os desentendimentos. As seguintes estratégias de resolução de conflitos foram explicadas: o envolvimento no conflito, a submissão, a evitação e a resolução positiva, salientando-se que cada casal geralmente utiliza todas essas estratégias em algum momento, mas algumas costumam ser mais utilizadas do que outras, conforme cada membro aprende a se relacionar ao longo da vida. Em seguida, o terapeuta questionou se os membros do casal se veem utilizando essas estratégias. O casal acenou afirmativamente com a cabeça, em conjunto, enquanto Gabriela disse *“acho que a que mais usamos é a primeira né, aquela de quando cada um defende a sua posição.”*, afirmação com a qual Fernando concordou rindo.

Tendo a mensagem sido recebida pelo sistema, deu-se prosseguimento à intervenção: *“digamos, Gabriela, que tu peça pro Fernando ir ao mercado e ele não vá porque demorou mais pra sair do trabalho e esqueceu de te avisar, e por causa disso tu fique preocupada que irá dormir muito tarde para fazer essa tarefa. O que tu faria com o Fernando?”*. Gabriela prontamente respondeu *“nossa, eu ia ficar pês da vida! Eu ia ficar muito braba, ia xingar ele de irresponsável e tudo mais.”*. Percebeu-se que Fernando não gostou da resposta da companheira, e lhe foi perguntado o que ele faria com essa reação. Ele disse *“ah, eu ia me defender né! Poxa, quem nunca se esqueceu de fazer algo assim, seria totalmente desproporcional.”*.

Com base na resposta de Fernando, foi proposto então o seguinte: *“mas e se a Gabriela, ao invés de lhe atacar, tentasse entender o que aconteceu melhor e depois negociasse contigo uma forma de ambos resolverem esse problema sem que ela ficasse sobrecarregada? Por exemplo, digamos que Fernando se responsabilizasse por*

algumas das tarefas que normalmente seriam de Gabriela nesse dia, para compensar isso, e no dia seguinte fossem juntos ao mercado, para agilizar as compras e serem menos prejudicados por isso. Que tal?”. O casal pensou durante alguns segundos, e achou a ideia razoável. Gabriela diz que ainda se sentiria muito irritada, e que acha que não seria justo ter de ir ao mercado junto sendo que a falha era do companheiro. Lhe foi respondido que isso fazia parte da resolução positiva: *“isso desenvolve confiança e intimidade pra dupla. Vai ter outros momentos, por exemplo, em que tu, Gabriela, vais precisar de ajuda do Fernando, assim como ele nesse momento precisaria da tua, pelo bem do relacionamento.”*.

Gabriela concordou, mas disse que ainda não estava convencida. Lhes foi pedido então para que relatassem um ocorrido daquela semana no qual tivessem tido um conflito, para que fosse feita a análise de uma situação real. Gabriela, como de costume, teve a iniciativa e contou sobre um conflito envolvendo o aniversário do seu cunhado. Resumidamente, Fernando confirmou presença no evento sem que falasse com Gabriela antes, o que gerou um desentendimento devido ao fato de que no mesmo dia do aniversário uma amiga de Claudia iria dormir na casa deles. Gabriela relatou então: *“ele me disse que fez isso porque esqueceu, daí a gente começou a brigar, se chamando de tudo quanto é nome. Resultado: a gente foi dormir brigados, só fomos nos falar de novo no outro dia.”*.

Após o relato, o terapeuta se dirigiu para o casal, pedindo para que se pensasse em uma forma de resolver aquele conflito utilizando a resolução positiva: *“quero que vocês primeiro levantem ideias sobre o que poderiam fazer, e depois escolham juntos uma opção que agrada a ambos. Fernando, quero que tu pense na primeira ideia, pois quero que tu participe da sessão tanto quanto Gabriela.”*. Após o mesmo demonstrar surpresa, passaram-se alguns segundos até a primeira sugestão: *“Tá, tipo, primeiro que tu não precisava sair gritando comigo né.”*. Gabriela ia lhe interromper, mas o terapeuta lhe fez um sinal com a mão para que deixasse o cônjuge terminar de falar. Fernando prosseguiu: *“daí a gente podia ver se com a mãe da amiguinha da Claudia se ela não podia ir lá em casa no sábado (dia seguinte ao da festa), pra fazermos as duas coisas.”*.

Foi pedido então para que Gabriela levantasse a próxima ideia, a qual o fez enquanto mordida os lábios: *“tá, outra coisa que dá pra fazer é eu ficar em casa com as meninas enquanto tu vai no aniversário rapidinho, só pra dar um abraço e ficar um*

*tempinho com ele, e aí depois voltava pra casa pra me ajudar com as coisas. Também daria pra, qualquer coisa, não irmos no aniversário e irmos visitar teu irmão no final de semana pra parabenizar ele.”. Fernando concordou, rindo e dizendo “é, são boas ideias, gostei. Mas ainda prefiro a minha...”. Gabriela concordou, dizendo “é, a tua seria meio que um ideal, mas não sei como seria pra mãe da menina trocar a data assim em cima da hora. Acho que seria bacana tentar primeiro, e aí, caso não dê certo, a gente se divide nas coisas, sei lá. O que tu acha?”. Fernando concordou com o plano, e Gabriela complementou: “claro, tudo isso podia ser evitado se tu não tivesse esquecido né...”. Frente a isso, o terapeuta intervém para reforçar a tentativa do casal do uso da resolução positiva e demarcar e naturalizar as dificuldades de utilizar estratégias com as quais o casal não está acostumado:” *é importante que vocês naturalmente tendem a utilizar o envolvimento no conflito mesmo quando tentam não fazê-lo. Isso é perceptível pelo início da fala do Fernando, que gerou raiva na Gabriela, e pela última fala da Gabriela, que poderia ter desencadeado um envolvimento no conflito se eu não tivesse intervindo. Mas não se preocupem tanto com isso: isso já é esperado, e o tratamento que estamos fazendo aqui é justamente pra trabalharmos nesses comportamentos.”. A sessão então foi encerrada, e se pediu para os membros do casal que, durante as próximas duas semanas, anotassem todos os conflitos que pudessem, tentando identificar quais as estratégias que mais utilizavam, e como poderiam resolver aquelas situações com o uso da resolução positiva.**

Após um período aproximado de oito meses de terapia, o casal apresentou mudanças relevantes no que se refere à dinâmica comunicacional e à estrutura familiar. É perceptível, por exemplo, que o treinamento de habilidades de negociação apresentou resultados positivos. Essa afirmação baseia-se na observação de que o casal passou a utilizar essas capacidades de forma natural no ambiente de psicoterapia, sem que fosse necessária instrução do terapeuta. Um exemplo disso remete à décima oitava sessão, quando o casal discutiu a respeito dos sentimentos de ciúme apresentados por Gabriela. Isso surgiu quando Fernando comentou a respeito da hipótese de que futuramente teria de dar aulas esporadicamente no interior do estado devido ao seu trabalho. Isso lhe proporcionaria um aumento no salário e uma posição de maior poder dentro da empresa, além de ser uma atividade que lhe parecia interessante. Gabriela, que antes expressava suas preocupações de forma agressiva, foi capaz de externalizar seus pensamentos e emoções utilizando um tom de voz calmo, utilizando os pressupostos da comunicação

não violenta treinada nas sessões anteriores: *“Eu entendo que isso seria algo muito bom pra ti e tu tem todo o direito de fazer isso, mas eu sinto ciúmes porque tenho medo de te perder, justo agora que as coisas tão melhorando sabe.”*. O companheiro, em resposta a essa atitude, pôde expor seu ponto de vista a respeito da situação ao mesmo tempo em que acolhia as angústias de sua parceira: *“Hmm... Eu acho que ia sentir a mesma coisa se fosse o contrário...Mas ao mesmo tempo é uma coisa que eu quero muito, e que poderia ser muito boa pra nós. Seguinte: eu posso ver com o chefe de adiar isso por um tempo, pelo menos pra ti se acostumar um pouco e se sentir menos desconfortável com isso. Prometo que também vou fazer o que puder pra te ajudar com isso, o que tu acha?”*. Gabriela, com o olhar lacrimojante, acenou afirmativamente com a cabeça, e encostou a cabeça no ombro de Fernando.

É possível identificar aqui também que houve uma redução dos padrões de interação destrutivos e violentos apresentados pelo casal nos meses iniciais. Isso pode ser compreendido como demonstrativo da eficácia do treinamento da estratégia de resolução positiva e da comunicação não violenta, visto que os membros do casal passaram a se portar de forma mais compreensiva entre si, assim como foram capazes de negociar, por conta própria, um acordo justo para ambas as partes, no qual ambos cederiam um pouco em virtude do melhor para a dupla: Fernando se disponibilizaria para ajudar Gabriela e esperaria mais para realizar o que desejava, enquanto que a companheira deveria utilizar esse tempo para aprender a lidar melhor com seus sentimentos de insegurança. Outro fato importante a ser considerado é que durante essa conversa o casal em nenhum momento conversou de forma indireta, ou seja, se remetendo à figura do terapeuta para falar do companheiro, o que é um indicativo de maior qualidade comunicacional e saúde conjugal (SILVA & VANDENBERGHE, 2008).

No que se refere aos padrões geracionais, o casal ainda apresentava algumas dificuldades de interação, já que a triangulação de Claudia na dinâmica conjugal parece ter sido mantida mesmo nas últimas sessões realizadas com a dupla, perceptível a partir de queixas do casal sobre conflitos entre eles envolvendo a menina. Esse resultado, entretanto, já era de certa forma esperado, dado que as famílias costumam apresentar resistência a esse tipo de mudança, pois trata-se de uma estrutura já bem consolidada por gerações anteriores, às quais acabam por ensinar esse padrão aos membros da geração seguinte (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012). Além disso, também

deve ser considerado o fato de que esse não era o foco do tratamento, o que é muito importante especialmente em casos de psicoterapia breve, como se configura o ambiente de estágio curricular.

Entretanto, houve mudanças significativas no relacionamento dos membros do casal com suas famílias de origem, através do estabelecimento de fronteiras mais nítidas e fortalecimento da aliança da díade, em detrimento das triangulações com seus progenitores. Isso pode ser identificado através da postura de apoio mútuo que o casal relata passar a ter adotado em eventos familiares. Um exemplo disso foi dado na décima segunda sessão, ocasião em que Fernando afirma que defendeu sua parceira em um conflito que ela teve com mãe dele durante um almoço. Ele conta que a sogra de Gabriela estava criticando a influência da nora na alteração dos hábitos alimentares de Fernando em função de uma dieta mais saudável. Frente a isso, ele relata *“aí eu cheguei perto da mãe e disse que não gostei dela ter falado aquilo na frente de todo mundo porque eu tava mais feliz daquela forma, e que ela não tinha nada a ver com aquilo. De início ela veio falando que só queria o meu bem e tal, daí eu tive que cortar ela e dizer que aquilo me fazia bem, e eu gostava, bem sério. Ela ficou meio triste, mas pelo menos parou.”*. Gabriela então relatou *“Eu me senti protegida ali, senti que eu tinha alguém com quem contar, foi uma sensação gostosa.”*.

Infelizmente, o casal abandonou o tratamento uma semana após a vigésima quinta sessão. A dupla, que entrou em contato com o terapeuta via WhatsApp, afirmou que não seria mais possível comparecer e pagar os atendimentos em virtude da ocorrência de um acidente vascular-cerebral com a mãe de Gabriela, a qual era responsável por cuidar de Cláudia durante as sessões do casal. A dupla se recusou a realizar uma sessão de encerramento, afirmando que isso não seria necessário, e que desejavam retomar o tratamento em um momento futuro.

CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido teve como objetivo ampliar a compreensão acerca de como a qualidade da comunicação pode afetar o relacionamento conjugal. Com esse propósito, foi realizada inicialmente uma revisão narrativa, a qual visou a conceituar e

contemplar o desenvolvimento dos estudos relativos à temática da comunicação ao longo dos últimos anos, percebendo-se uma grande gama de perspectivas diferentes.

A análise do processo terapêutico focado no desenvolvimento de habilidades relativas à comunicação conjugal apresentada revela que o nível de qualidade da comunicação teve um papel fundamental na satisfação conjugal apresentada por este casal em estudo. Nesse processo, o treinamento focado na resolução positiva e na comunicação não violenta se apresentaram altamente eficazes. Pode-se perceber que, através da aplicação dessas intervenções, o casal aprimorou seus níveis de qualidade de comunicação e satisfação conjugal.

Os resultados também demonstraram que nesse caso foi possível realizar uma flexibilização da estrutura familiar referente aos padrões de relacionamento do casal com a família extensa. Deve ser dito, entretanto, que isso ocorreu apenas de forma superficial devido ao fato de que o período de tratamento foi demasiado curto para que fossem desenvolvidas intervenções mais significativas nessa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCI, J. et al. **Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 383-394, 2009.

BHONA, F.; BRUM, C.; LOURENÇO, L. **Violência doméstica:** um estudo bibliométrico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1), p. 87-100, 2011.

BOING, E.; BOLZE, S.; CREPALDI, M.; SCHMIDT, B. **Conflitos conjugais e parentais em famílias com crianças:** características e estratégias de resolução. *Paidéia*, 27(1), p. 457-465, 2017.

BOLZE, S.; BUENO, R.; CREPALDI, M.; GOMES, L. **As origens do pensamento sistêmico:** das partes para o todo. *Pensando Famílias*, 18(2), p. 3-16, dez. 2014.

COELHO, L.; QUISSINI, C. **A influência das famílias de origem nas relações conjugais.** *Pensando Famílias*, 18(2), p. 34-47, dez. 2014.

COSTA, C.; DELATORRE, M.; MOSMANN, C.; WAGNER, A. **Terapia de Casal e estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática.** *Psicologia - ciência e profissão*, 37(1), p. 208-223, jan./mar. 2017.

FALCKE, D.; MOSMANN, C.; WAGNER, A. **Viver a Dois: Oportunidades e Desafios da Conjugalidade.** São Leopoldo: Sinodal, 2015.

FALCONE, E. et al. **Inventário de Empatia (I.E.):** Desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica*, 7(3), p. 321-334, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Entrevista Familiar Estruturada - EFE:** um método clínico de avaliação das relações familiares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GOTTMAN, J. et al. **A couple's guide to communication.** In L. SILVA & L. VANDENBERGHE. *A importância da comunicação na terapia comportamental de casal.* *Psicologia em Estudo*, 13(1), p. 161-168, jan/mar. 2008.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R.; PETRY, S. **Genogramas: Avaliação e Intervenção Familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

ROSENBERG, M. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, L. et al. **Violência silenciosa:** violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), p. 93-103, jan/abr. 2007.

SILVA, L.; VANDENBERGHE, L. **A importância da comunicação na terapia comportamental de casal.** *Psicologia em Estudo*, 13(1), p. 161-168, jan/mar. 2008.

STAKE, R. **The case study method in social inquiry.** In F. MARIOTTO, G. MORAES & P. ZANNI. *Para que servem os Estudos de Caso Único?* Rio de Janeiro: XXXV Encontro da Anpad, set. 2011.